

A Religião Global no contexto da pandemia de Covid-19 e as implicações político-religiosas no Brasil

Anna Carletti¹

Fábio Nobre²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i39.56601>

Resumo: O presente artigo procura demonstrar como, embora boa parte dos seguidores religiosos tenham adotado restrições de isolamento durante a pandemia de COVID-19 que tomou o sistema global de assalto desde os primeiros meses de 2020, em países como o Brasil, houve desafios às orientações e o reforço de laços aparentemente indissolúveis com atores políticos, que acabaram expondo os fiéis e toda a sociedade a um maior risco de contágio. Através de um estudo de caso voltado ao Brasil, com foco nas tomadas de decisão frente ao COVID-19 e à atuação dos lobbies político-religiosos no país, procura-se apontar como a religião - em especial as religiões consideradas como de alcance internacional, enraizadas em diversas culturas e sociedades através do globo - teve um papel importante no contágio ou controle da contaminação global pelo Coronavírus. Apreende-se da análise que os líderes, autoridades e atores religiosos internacionais se defrontaram com um grande aumento da religião digital - entendido como um grupo de pessoas que compartilham a mesma visão espiritual e interagem por meios eletrônicos - assim como diferentes reações ao redor do globo, em especial, um reforço de laços obscuros aparentemente indissolúveis com atores políticos, que acabaram expondo os fiéis e toda a sociedade a um maior risco de contágio.

Palavras-chave: Religião, Pandemia, Atores religiosos, Relações Internacionais.

¹ Doutora em História (2007) e Pós-Doutora (2011) em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada do curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Pampa- Unipampa e professora do Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Líder do Grupo CNPq Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR). E-mail: annacarletti.bento@gmail.com

² Professor do Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais e da graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor (2016) e mestre (2013) em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Compõe o comitê gestor da da Rede de Pesquisa em Paz, Conflitos e Estudos Críticos de Segurança (PCECS). Coordena o Grupo de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (GEPRIR – UEPB). E-mail: fabio.f.nobre@gmail.com.

Global Religion in the context of the Covid-19 pandemic and the political-religious implications in Brazil

Abstract: The present article seeks to demonstrate how, although a good number of religious followers adopted isolation restrictions during the COVID-19 pandemic, which has taken the global system by storm since the first months of 2020, in countries like Brazil, there were challenges to the guidelines and the strengthening of apparently indissoluble ties with political actors, which ended up exposing the faithful and the whole of society to a greater risk of contagion. Through a case study concentrated on Brazil, focusing on decision-making vis-à-vis COVID-19 and the role of political-religious lobbies in the country, we seek to point out how religion - especially religions considered to be of international scope, rooted in diverse cultures and societies across the globe - played an important role in the contagion or control of global Coronavirus contamination. It emerges from the analysis that international religious leaders, authorities and actors faced a great increase in digital religion - understood as a group of people who share the same spiritual vision and interact by electronic means - as well as different reactions around the globe, in particular, a strengthening of apparently indissoluble obscure ties with political actors, which ended up exposing the faithful and the whole of society to a greater risk of contagion.

Keywords: Religion, Pandemic, Religious Actors, International Relations.

Religión global en el contexto de la pandemia Covid-19 y las implicaciones político-religiosas en Brasil

Resumen: El presente artículo busca demostrar cómo, si bien un buen número de seguidores religiosos adoptaron restricciones de aislamiento durante la pandemia COVID-19, que tomó el sistema global de asalto desde los primeros meses de 2020, en países como Brasil, hubo desafíos a las directrices y el fortalecimiento de vínculos aparentemente indisolubles con los actores políticos, que terminaron exponiendo a los fieles y al conjunto de la sociedad a un mayor riesgo de contagio. A través de un estudio de caso centrado en Brasil, enfocado en la toma de decisiones frente a COVID-19 y el papel de los lobbies político-religiosos en el país, buscamos señalar cómo la religión, especialmente las religiones consideradas de alcance internacional, arraigado en diversas culturas y sociedades de todo el mundo, desempeñó un papel importante en el contagio o control de la contaminación global por coronavirus. Se desprende del análisis que los líderes, autoridades y actores religiosos internacionales enfrentaron un gran incremento de la religión digital - entendida como un grupo de personas que comparten una misma visión espiritual e interactúan por medios electrónicos - así como diferentes reacciones

alrededor del globo, en particular, un refuerzo de lazos oscuros, aparentemente indisolubles, con los actores políticos, que terminaron exponiendo a los fieles y a toda la sociedad a un mayor riesgo de contagio.

Palavras clave: Religión, Pandemia, Actores religiosos, Relaciones internacionales.

Recebido em 10/11/2020- Aprovado em 04/12/2020

Considerações Iniciais

Assim como grandes guerras, revoluções e distúrbios econômicos globais, o curso da história mostrou-se, no ano de 2020, vulnerável a outro agente de transformação social e política em termos mundiais. O contágio generalizado da população do mundo pela doença transmitida pelo novo Coronavírus - COVID-19 - foi caracterizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia em 11 de março de 2020, quando havia 118 mil casos em 114 países e 4,2 mil pessoas haviam perdido a vida³.

Desde então, outros milhares de pessoas foram contaminados e mais uma imensidão de pessoas morreram, vítimas do vírus, de suas sequelas e do visível despreparo da sociedade internacional em lidar com todos esses fatores. Um sistema global centrado nos Estados, com uma carga de autoridade política e disputas de poder que marcaram os anos subsequentes à Guerra Fria, mostrou-se incapaz de compreender, absorver e reagir ao problema em tempo hábil. Suas instituições, como a própria Organização Mundial de Saúde, assemelharam-se às vozes que clamavam no deserto, e suas recomendações foram ouvidas pelas pedras. O funcionamento básico do que Hedley Bull um dia chamou de uma Sociedade Anárquica (BULL, 1977), deixou de girar como uma série de engranagens, travadas por um bloco chamado pandemia.

Além de expor a ineficiência da ordem internacional, a pandemia revelou ainda a insistência de outros atores em seguir influenciando as dinâmicas internacionais, ao contrário do que previam o positivismo e o fenômeno metodológico behaviorista, que tentaram negar o poder de variáveis imensuráveis nas relações internacionais, notadamente, o nacionalismo e a religião. Por anos entendida como um fenômeno particular, exilado⁴ da política pelos Tratados de Westphalia de 1648, a religião jamais se afastou do tecido social, seus efeitos observados e sentidos, seu poder presente e

³ Dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), disponíveis em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-affirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812>.

⁴ Petito e Hatzopoulos julgam que o período pós-Guerra Fria testemunhou *O Retorno do Exílio* da religião, tendo assim intitulado seu famoso livro, lançado em 2003. Ao nosso ver, o exílio foi fictício e a religião nunca partiu.

constante, seu impacto inegável e seu exílio um mito. Na contemporaneidade, a religião compartilha um espaço que transita entre o campo das ideias e o materialismo, nas Relações Internacionais. Mesmo espaço ocupado pelos nacionalismos, que reencontram fôlego em diversos países ao redor do globo, como na Índia, nos Estados Unidos e no Brasil.

Essa complexa rede de fenômenos se entrelaçou como nunca antes, durante o ano de 2020. A pandemia expôs as feridas do secularismo e dos frágeis sistemas democráticos e o que é, essencialmente, um problema de saúde pública global, tornou-se também um problema para a saúde dos sistemas políticos contemporâneos.

O presente artigo tenta demonstrar como religião, nacionalismos e o desprezo pela ciência causaram danos irreversíveis no sistema internacional, em especial no Brasil, através de um processo que continua em andamento. Entendemos, por isso, que as contribuições que se apresentam nas páginas seguintes não são apenas descritivas, mas esclarecedoras para os que procuram entender como se deu a dinâmica que colocou o Brasil em uma situação catastrófica frente ao desenrolar dos cenários causados pela pandemia.

Para tanto, o texto apresenta, em sua primeira sessão, a forma como a pandemia de Coronavírus apresentou desafios à religião global e como a maior parte das instituições, autoridades e atores religiosos pertencentes a tais afiliações reagiu, em termos de cultos e combate ao vírus no domínio de sua fé. Como religião global, compreende-se, nesse texto, a visão apontada por Mark Juergensmeyer (2009). Mesmo assumindo os riscos que uma definição de religião apresenta, particularmente em termos de limites, entende-se que esse processo fluido de interação, expansão, síntese, empréstimo e mudança cultural vem acontecendo desde os primeiros momentos da história registrada, e atingiu seu ápice nos dias atuais, o que gerou, para o fenômeno religioso uma dinâmica global. Nesse sentido, a religião não está mais geograficamente demarcada mas, na maioria delas, seus fiéis compartilham seus ritos ou instituições independentemente de onde se encontram no globo, uma vez que seu alcance é, agora, internacional na sua essência.

Em seguida, apontamos para a alta capacidade de adaptabilidade da religião global, indicando o crescimento de uma já existente religião virtual, em tempos de isolamento. Num segundo momento, voltamos nossas atenções para o caso brasileiro, relacionando sua série de fracassos em combater o ailastramento do vírus e seus efeitos a uma dinâmica que envolve religião e política. Por fim, mostramos como essa relação simbiótica contribuiu com uma pressão para a retomada das atividades em termos amplos, no país, gerando novos contágios e exposição ao vírus.

1. Religião Global e a Pandemia

A chegada do Coronavírus – COVID-19 – como uma ameaça com potencial para interromper o sistema internacional e abalar os pilares da religião global organizada nos lembrou mais uma vez do poderoso impacto que as doenças podem ter na civilização e na religião. É fundamental entender, portanto, de que forma as mensagens passadas pelos líderes globais e religiosos, podem ser entendidas para a continuidade dessas instituições.

Após a grande influência do positivismo nas ciências sociais, a Peste Negra passou a ser um dos mais comuns exemplos da conexão entre a autoridade clerical, a vontade de Deus, e a ignorância e desconhecimento com os quais fenômenos que mereciam tratamento científico eram encarados. Em seu livro de 1952 sobre a história social da tuberculose, “A Peste Branca”, os sociólogos Rene e Jean Dubos descreveram as doenças, por sua vez, como uma dinâmica que dividia as épocas da história humana. (DUBOS, DUBOS, 1987)

No entanto, antes de analisar seu impacto na religião, devemos abordar o efeito do Coronavírus no sistema internacional. Esse sistema, que é frequentemente considerado como tendo se desenvolvido a partir do Tratado de Vestfália de 1648, é aquele que toma como base a divisão do mundo entre Estados-nação com fronteiras distintas e, em especial, a distinção entre a autoridade política e a religiosa. Assim como nas epidemias que a precederam, as fronteiras não são obstáculo para o vírus COVID-19. Conceitos como nação ou fronteiras nacionais, construídos como são, a partir de códigos culturais, nem sempre são explicativos quando tratamos de dinâmicas biológicas que ocorrem na natureza.

A questão crítica é se o Coronavírus enfraquecerá ou não a dinâmica da globalização e, por conseguinte, das religiões globais. Em um artigo publicado na Foreign Policy, o economista britânico Philippe Legrain chamou o COVID-19 da sentença de morte da globalização (LEGRAIN, 2020). Sua evidência para isso veio das respostas de nações de todo o mundo que, entre outras medidas, fecharam suas fronteiras para proteger seus cidadãos do vírus.

No entanto, alguns desses mesmos países também fecharam partes de seus países dentro dessas fronteiras nacionais. Foi o caso da Itália, que isolou o norte do país antes de entrar em um bloqueio total, e das Filipinas, que fecharam sua capital, Manila.

Esta leitura da situação política pode ser vista como falha: primeiro é necessário definir a natureza da ameaça nos termos das relações internacionais.

Não é que a espécie humana esteja sendo alvo de outro grupo organizado – o vírus. Tampouco é o caso de dois grupos de humanos tentando destruir um ao outro por razões ideológicas ou nacionalistas. Assim, as pessoas estão respondendo ao vírus principalmente não politicamente, mas biologicamente. Em termos mais objetivos,

estamos sendo atacados por outra espécie e nosso ponto de partida básico é tentar permanecer vivo. Como não temos uma vacina – a arma de que precisamos para combater o COVID-19 – devemos fugir dela, pois a presa deve fugir do predador. Se você não possui o poder de destruir seu inimigo, você corre ou se esconde. Portanto, é importante não politizar essa luta.

Para nos proteger contra esse tipo de abordagem falha, devemos nos ver não como cidadãos, liberais, socialistas ou cristãos, budistas, judeus ou muçulmanos contra o vírus, mas simplesmente como homo sapiens reagindo a ele. Existem diferentes maneiras de ler o impacto político do Coronavírus. Pode-se dizer que o vírus corroeu a globalização, embora possa ainda ser enxergado que o mesmo se desenvolveu pelos canais abertos por tais processos. Em especial, a globalização assimétrica de recursos e acessos a tais recursos faz com que o vírus seja mais danoso nas regiões mais vulneráveis do mundo e dos países. É preciso, portanto, integrar a discussão do vírus como também político. Se tomarmos como arcabouço o léxico *agambeniano* tais como estado de exceção e biopolítica, perceberemos que as instituições políticas dos Estados participam ativamente tanto da recepção, como da *invenção* da pandemia. (AGAMBEN, 2020). Ainda de outra perspectiva, os Estados modernos que investiram bilhões de dólares em armas foram incapazes de proteger seus cidadãos. A idéia mais brilhante que os Estados mais modernos do ano 2020 tiveram é dizer aos cidadãos para ficar em casa.

Em outras palavras, o COVID-19 também está corroendo a reputação do Estado moderno.

O discurso público sobre o Coronavírus também pode variar de acordo com a região. Na Turquia, Índia, Irã e Brasil, por exemplo, a relação entre religião e ciência é normalmente levantada durante o debate público. Normalmente, grupos religiosos vão de encontro ao discurso dado como científico - o que também por vezes é questionado - utilizando argumentos como liberdade ou fé. Um debate mais amplo poderia se formar em torno da relação teórica entre religião e ciência. Em países como Brasil, os argumentos desencadeados pela chegada do vírus poderiam ter abalado a imagem popular da religião, particularmente entre as gerações mais jovens.

O colunista do New York Magazine, Ed Kilgore, disse que o Coronavírus está testando a religião organizada e que, como resultado, as pessoas podem começar a ver rituais religiosos lotados com suspeita quando a pandemia terminar. Isso poderia levar as pessoas religiosas a uma fé mais individualista. Seja qual for a religião de origem, eventos como o fechamento do local mais sagrado do Islã, em Meca, na Arábia Saudita, e, em especial, o auto-isolamento do Papa Francisco ocuparão um lugar muito maior nas memórias dos jovens. (KILGORE, 2020).

1.1. Medidas de combate à pandemia no mundo religioso

Lidar com congregações religiosas em tempos de epidemias pode ser desafiador. A maioria das religiões do mundo prescreve congregações de seus adeptos em nível local, nacional e internacional como parte de sua fé. Essa mobilização e reunião podem servir como um ponto focal potencial para a dispersão de novos patógenos, especialmente aqueles transmitidos pela via respiratória. Os eventos relacionados ao COVID-19 espalhados entre as assembleias religiosas aparentemente corroboram isso.

Idealmente, para contornar essa possibilidade, assembleias de pessoas precisam ser suspensas durante esses momentos. Também é imperativo que todas as medidas preventivas possíveis sejam tomadas durante os tempos normais para reduzir as chances de infecções cruzadas durante as cerimônias religiosas. As reuniões religiosas precisam ser encaradas a partir dessa perspectiva: possuem uma relação direta com a extensão das doenças epidêmicas e sua propagação global. O COVID-19 deve servir como um divisor de águas na maneira como lidamos com surtos de doenças infecciosas da perspectiva das reuniões religiosas e sua suspensão.

Os preceitos islâmicos definem a vida pessoal, social e comunitária dos fiéis. Todos os homens adolescentes e adultos são ordenados a oferecer orações congregacionais cinco vezes por dia nas mesquitas. As orações de sexta-feira são oferecidas na mesquita central da cidade em uma reunião maior. (GAARDER; HELLERN; NOTAKER; 2005) As orações são feitas em fileiras próximas umas das outras.

Para os católicos romanos, reunir-se é o ponto central da adoração dominical. A razão por trás de cada uma das ações rituais da primeira parte da Missa pode ser encontrada nesta palavra: reunião. O objetivo desses ritos é reuni-los em um corpo, prontos para ouvir a Palavra e partilhar o pão juntos. A missa católica representa um sistema de interação das comunicações católicas. O sistema de interação refere-se a uma forma particular pela qual as comunicações se reproduzem: por meio da co-presença corporal, ou seja, daqueles que estão presentes. (ORNELAS, 2007)

Interações similares se repetem nos cultos protestantes das mais diversas congregações, como nas principais denominações protestantes no Brasil. É preciso que se faça uma mínima distinção, no caso de tais denominações, entre, pelo menos, quatro tradições litúrgicas: a tradição litúrgica protestante; a tradição evangélica livre; a tradição pentecostal; e a tradição neopentecostal. (EAGLETON, 2013). Por mais que elementos tenham sido renovados, excluídos e/ou adicionados, ao longo da história e a positivação destas tradições, todas mantém o aspecto primordial da reunião, como elemento fundamental do culto. Não há culto sem comunidade, e não há comunidade sem o culto.

As reuniões públicas também mantêm importância central para o Espiritismo Kardecista, assim como nos diversos cultos das religiões de matriz africana. Com este breve panorama, espera-se que tenhamos exposto a importância do contato e interação social, em termos das principais religiões praticadas no Brasil. Em qualquer sentido, no entanto, a religião global moderna se caracteriza pela importância de sua comunidade e a manifestação de suas reuniões.

Na história, incluindo a recente, as comunidades religiosas tiveram que buscar respostas sobre a importância das pandemias e adaptar suas práticas religiosas e comportamento às pessoas afetadas. Quando o mundo se deparou com o considerado surto do vírus da imunodeficiência humana adquirida (HIV), muitas igrejas cristãs começaram a trabalhar juntas para superar a disseminação do perigoso vírus. No entanto, houve dificuldades entre a Igreja Católica Romana e outras Igrejas, e o motivo era uma abordagem diferente da vida sexual, procriação e prevenção de pandemia. A infecção com o vírus ocorre mais frequentemente por meio do sangue, contato sexual ou verticalmente de mãe para filho durante a gravidez ou amamentação. (SULKOWSKI, IGNATOWSKI, 2020). Apesar das dificuldades supracitadas, a literatura sobre a atitude das Igrejas em relação à pandemia do HIV concentra-se principalmente na cooperação entre Igrejas e religiões e nas atividades realizadas por Igrejas individuais para prevenir o desenvolvimento da pandemia. A saber, a literatura apresenta como igrejas e comunidades religiosas em vários países realizaram ações para ajudar as pessoas afetadas pelo HIV e indica atividades educacionais a esse respeito (BOUTEN, 1996; SCHMID, 2002; BATE, 2003; PILLAY, 2003; MARSHALL e TAYLOR, 2006; MAKAHAMADZE E SIBANDA, 2008). O exemplo recente aponta para a importância de uma coordenação e articulação estratégica no combate a surtos de tal natureza.

Com o surto da COVID-19, normalmente em concordância com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), as atividades comerciais foram restritas, estádios, escolas e universidades foram fechados, na maior parte dos países do mundo. Igualmente, as Igrejas e os templos religiosos foram impedidos de realizar suas celebrações públicas, tendo então que se adaptar a uma dinâmica totalmente nova. Considerar tais mudanças implica adotar novos posicionamentos de diversos atores.

Uma congregação cristã na Coréia do Sul foi a origem de um grande número de casos COVID-19. Após um sucesso inicial em limitar a propagação, houve um aumento repentino de casos começando na terceira semana de fevereiro de 2020, originados de um paciente infectado que frequentava a Igreja de Jesus Shincheonji. Este culto acredita que a doença é um pecado, e o sofredor deve atender às orações para expiar o pecado (PARK, 2020). Essa crença motivou seus seguidores a evitar o teste, e alguns secretamente

continuaram a assistir à missa. Isso aumentou o problema. Um grande número de seguidores do Culto foram testados e 5209 foram considerados positivos até 8 de abril de 2020.

Desde que a COVID-19 foi amplamente compreendida como uma pandemia, e sua escala global admitida, temos testemunhado uma ampla gama de mudanças nas práticas religiosas da rotina diária, desde o uso de máscaras de proteção devido à transmissão pelas vias respiratórias até o uso de álcool em gel durante uma cerimônia, dando bênçãos ou confissões à distância, até mudanças significativas no rituais religiosos, peregrinações e celebração de feriados.

Muitas autoridades religiosas fecharam seus locais de culto ou limitaram as reuniões públicas. Em um gesto extraordinário em fevereiro de 2020, a Arábia Saudita proibiu as chegadas de estrangeiros e interrompeu as visitas a Meca e Medina para *umrah*⁵. Riad também fechou brevemente a Grande Mesquita em Meca e a Mesquita do Profeta em Medina para desinfecção. Muitas mesquitas cancelaram os cultos de sexta-feira, e as chamadas para orações em países como Kuwait e Malásia foram modificadas para orientar às pessoas que orassem de suas casas. As celebrações do Ano Novo Budista, que geralmente reúnem milhares de pessoas para lutas públicas de água e outros eventos, foram canceladas no sul da Ásia. (ROBINSON, 2020).

Toda a Igreja Católica Romana se mostrou resiliente e colaborou com as autoridades e acabou até mudando rituais centrais e alterando outros, antes considerados imutáveis e imutáveis, como é o caso dos fiéis que recebem a Sagrada Comunhão (KAUR, 2020). Ainda assim, outras igrejas foram mais resistentes e avessas às exigências. Os conservadores tradicionalistas ortodoxos orientais de Tbilisi a Atenas argumentaram contra o fechamento de igrejas ou a alteração de seu costume secular de compartilhar o pão e o vinho com uma colher comum para a sagrada comunhão. Por outro lado, existem tantas religiões que tomaram medidas extremas e sem precedentes para conter e ajudar a sociedade secular a retardar o surto.

No mundo inteiro, foi possível ver importantes eventos religiosos globais ou locais reduzidos, reprogramados ou mesmo cancelados. Em abril, a maioria das principais religiões do mundo tem festivais que envolvem grandes reuniões de pessoas. A Páscoa é em abril para a Igreja Católica Romana (uma semana depois para as Igrejas Ortodoxas

⁵ A *umrah* é uma peregrinação religiosa que os muçulmanos podem realizar em qualquer época do ano. Consiste numa versão mais curta do encontro anual do *Hajj*. A palavra “*Umrah*” em árabe significa “visitar um lugar povoados”. A Umrah oferece uma oportunidade para os muçulmanos renovarem sua fé, buscarem perdão e orarem por suas necessidades. Diz-se que aquele que o pratica está limpo de seus pecados. (HOURANI, A. *Uma História dos Povos Árabes*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 701p.)

Orientais) e para os judeus. O Rama Navami, um importante festival hindu, é em abril, enquanto o festival Sikh de Vaisakhi é alguns dias depois. O mês sagrado islâmico do Ramadã começa por volta de 23 de abril. (THE GUARDIAN, 2020). Embora inicialmente, indicou-se que os eventos seguiriam, com cautelas e protocolos renovados, dia a dia, com a magnitude da pandemia, todos foram eventualmente cancelados.

Por mais que se compreenda o desejo de amigos e conhecidos de prestar suas últimas homenagens e dar conforto às famílias em seu luto, foi pedido aos líderes religiosos que aconselhassem seus seguidores sobre a necessidade de minimizar as interações físicas, mesmo durante funerais e velórios. (MCCY, 2020).

A Igreja do Santo Sepulcro, que se acredita ser o local da crucificação e sepultamento de Jesus, foi fechada. Suas pesadas portas de madeira da foram fechadas pela última vez durante a Páscoa em 1349, quando a praga conhecida como a Peste Negra devastou a Europa. (SCAMMELL, 2020). O mesmo aconteceu com toda a celebração pascal católica.

Em 2000 anos, nem as guerras, nem a ocupação nazista, nem a peste ou qualquer outro tipo de sofrimento, impediram o Papa de celebrar os rituais da Paixão de Cristo rodeado por multidões congregadas em Roma de todos os continentes. No entanto, essa não é uma opção para o Papa Francisco em 2020, quando a humanidade está sob a ameaça da pandemia COVID-19. (BONGARRÀ, s/p, 2020).

O Papa Francisco administraria sua bênção papal, e a bênção *Urbi et Orbi*⁶, a uma Praça São Pedro vazia com tons escatológicos. Pessoas da fé judaica também fizeram

⁶ A bênção *Urbi et Orbi* era a fórmula usual com a qual as proclamações do Império Romano começaram. Atualmente, é a bênção mais solene que o Papa concede, própria do ministério petrino, porque se refere à cidade de Roma, como bispo da diocese, e ao mundo, como sumo pontífice. Em latim, *Urbi et Orbi* significa “para a cidade (Roma) e para o mundo”. Durante o ano, ela é transmitida em duas ocasiões: domingo de Páscoa e dia de Natal, 25 de dezembro. O pontífice também a transmite no dia de sua eleição, quando se apresenta diante de Roma e do mundo como o novo sucessor de São Pedro. A bênção *Urbi et Orbi* é, ainda, uma bênção à qual uma indulgência plenária está ligada. Dado que uma indulgência plenária remete completamente a punição devida, o falecido, se não voltar a pecar, não passa pelo purgatório, mas vai diretamente para o céu. Os efeitos da bênção *Urbi et Orbi* são cumpridos para todos aqueles que a recebem com fé e devoção, inclusive se os recebem através dos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, Internet, etc.). LOPEZ, Larissa. What is the ‘Urbi et Orbe’ Blessing? 2020.

suas celebrações da Páscoa online, participaram de *Seders*⁷ virtuais e trouxeram seus laptops para a mesa, em vez de convidar parentes para sentar-se pessoalmente.

1.2. *Uma religião global virtual*

No momento em que visitas estão suspensas, aglomerações proibidas, e a aproximação dos marcos sagrados são inconcebíveis. Francisco, o papa antissistêmico decide levar Deus à cidade e ao mundo. O papa acaba dando continuidade ao seu processo como uma figura distinta na história dos pontificados, mas oferece uma oportunidade de recomeço à lógica da religião global organizada. Oportunidade que só surgiria em condições ideais, em que uma força da natureza se encontra com um líder diferente de seus antecessores, e com uma agenda não só reformista, mas transformadora.

A solidão do papa terminará como um daqueles momentos decisivos que captura nossa história e nossa angústia. Os romanos estão acostumados a avaliar o sucesso de qualquer papado em grande parte pelo tamanho e entusiasmo das multidões que o papa consegue atrair. Nesse caso, o sucesso de Francisco poderá ser medido pelas multidões que conseguiu afastar.

É aparente que houve uma grande divisão conceitual entre fé e religião em países como o Brasil, a Turquia e o Irã. Estamos vendo os primeiros sinais de uma geração que manterá sua fé, mas poderá permanecer distante da religião organizada e institucionalizada.

Para enfrentar a quarentena imposta pelo vírus pandêmico, líderes de várias confissões mudaram rapidamente suas estratégias para alcançar e expandir seu público. Esta situação também trouxe novas questões, como como controlar a desterritorialização, o pertencimento e a lealdade da fé num mercado virtual competitivo, os sacramentos virtuais e a tradição neste cenário de alta tecnologia e pouco contato. Esse repentino distanciamento social potencializou a mediação das relações exclusivamente pela tecnologia. A reação a uma onda de medo insurgente pode ser o gatilho para as pessoas buscarem alívio na religião. (CHIROMA, 2020).

Uma comunidade religiosa online (ou religião digital) - embora com algumas diferenças entre os estudiosos, é geralmente entendida como um grupo de pessoas que compartilham a mesma visão espiritual e interagem por meios eletrônicos, especialmente aqueles fornecidos por “páginas da web (incluindo comentários), e-mail, vídeos, listas de

⁷ O *seder de pessach*, literalmente a ceia da páscoa, é, na cultura judaica uma maratona festiva que inclui ler, beber vinho, contar histórias, comer alimentos especiais e cantar. Mais sobre isso em https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3633719/jewish/O-Que-Um-Seder.htm

e-mail, chats, blogs, [...] podcasts e redes sociais dos mais diferentes tipos” (CAMPBELL, 2012).

A esse propósito, é relevante considerar o impacto que a disseminação dos “cultos online” tiveram em países como a República Popular da China. Estamos falando especialmente das celebrações diárias da Missa celebrada pelo papa Francisco na Capela Santa Marta. As missas e as orações públicas de Papa Francisco, veiculadas pelo canal Vatican News, foram seguidas por cristãos do mundo inteiro, e novidade, também pelos católicos da República Popular da China. Utilizando aplicativos, plataformas digitais e wechatt, os jovens chineses permitiram que centenas de grupos conseguissem seguir as palavras do papa, traduzidas simultaneamente em chinês, constituindo uma rede de transmissão que não é possível mensurar com precisão (VALENTE, 2020). Após décadas de exclusão da rede católica mundial, os católicos chineses, principalmente os mais idosos que viveram em primeira pessoa o drama da dura perseguição religiosa durante a época da Revolução Cultural (1966-1976), puderam, graças à pandemia, reencontrar a liberdade de escutar o seu líder religioso.

O importante trabalho de Shoji e Matsue (2020), aponta para um *reencantamento* religioso privado nesta primeira onda de impacto pandêmico. As buscas por “culto online”, assim como o streaming de orações de áudio e vídeo aumentaram na pandemia. Efeito semelhante aconteceu com culto, a missa ou os encontros diversos, em âmbito digital, entraram com vigor nas práticas devocionais cotidianas, entre diversas religiões, e se fizeram presentes nos mais de 230 milhões de smartphones no Brasil, por exemplo. Ao mesmo tempo, a disseminação da internet banda larga em todo o país reforçou a tendência (CHIROMA, 2020).

Se esta tendência se manterá é um fenômeno a ser acompanhado. Essa necessidade é especial em países como o Brasil, onde o controle do isolamento foi notadamente frrouxo, e a retomada das atividades antecedeu qualquer sinal de queda no número de casos.

2. A pandemia e a religião no Brasil

O Brasil apareceu no centro das atenções globais na pandemia principalmente por causa da rejeição do presidente Jair Bolsonaro à ameaça representada pelo vírus. Como as primeiras avaliações acadêmicas da posição de Bolsonaro em relação à pandemia ressaltaram, as consequências políticas e sociais podem ser significativas (BLOFIELD, HOFFMANN, LLANOS 2020; GABALDÓN e LEZAUN 2020). Mas, ao lado desses efeitos políticos e sociais, a postura de Bolsonaro também terá implicações religiosas significativas.

A postura desafiadora do presidente e sua insistência em resistir aos esforços de outros governantes para conter a pandemia instigou debates que ponderam inclusive sobre os limites constitucionais no Executivo brasileiro. Isso se deveu, em especial ao Decreto Presidencial nº 10.292, de 25 de março de 2020, que estabeleceu que as atividades religiosas de todos os tipos deveriam ser considerados serviços essenciais, portanto isentos de medidas de isolamento social. A designação de atividades religiosas como serviços essenciais foi amplamente vista como uma manobra política destinada a manter o apoio político do presidente entre os líderes cristãos evangélicos politicamente poderosos da nação.

Do ponto de vista jurídico, se apresentava ali um desafio aos limites do papel do chefe de Estado. O mesmo foi decretado alegado pelo Ministério Público Federal (MPF). O presidente não tinha autoridade para modificar as definições legais estabelecidas de serviços essenciais ou para proclamar decretos que violassem tal garantia constitucional direitos como o direito à saúde. Em duas jurisdições, Rio de Janeiro e Distrito Federal, juízes federais apoiaram essa análise. No entanto, apenas alguns dias depois, o 2º Tribunal Federal de Apelação (TRF-2) anulou essa decisão, argumentando que o Judiciário não tinha autoridade para intervir nas ordens executivas do Presidente. (HARTIKAINEN, 2020).

Claramente, a proibição de reuniões religiosas que seus argumentos buscavam promover é importante e essencial do ponto de vista da saúde pública. Mas, o raciocínio jurídico em que eles confiaram para justificá-lo privilegiou um modelo muito específico de religião - um que, ironicamente, estava mais estreitamente alinhado com as formas altamente midiatisadas de prática religiosa comuns às igrejas cristãs evangélicas que o decreto de Bolsonaro supostamente foi projetado para agradar. Em contraste, muitas outras comunidades religiosas não têm acesso aos meios necessários para produzir serviços religiosos midiatisados. Além disso, esse modelo de religião ignora que uma ampla gama de práticas religiosas são incompatíveis com essa midiatisação. Basta pensar na miríade de cerimônias de oração (rezas) em santuários católicos, círculos de oração e reuniões de estudo da Bíblia, assim como as oferendas coletivas para divindades de matriz africana que são centrais para a prática religiosa de muitos brasileiros para ver os limites desta definição de religião e religião liberdades.

A regulamentação legal da religião, como argumentou Sullivan (2005), tem necessariamente um efeito constitutivo. Em vez de simplesmente refletir entendimentos estabelecidos do que é religião, as determinações legais sobre religião contribuem para uma articulação dos contornos e caráter da religião. Historicamente, o tratamento legal das religiões de matriz africana no Brasil fornece um exemplo particularmente claro disso. Elas foram tratadas não como religiões, mas como formas criminalizadas de magia e cura

até a segunda metade do século XX (JOHNSON, 2006). As comunidades religiosas afro-brasileiras ainda lutam para acessar as disposições legalmente obrigatórias, como isenções de impostos sobre a propriedade para comunidades religiosas. A maneira como a religião passa a ser regulamentada na atual pandemia certamente terá um efeito duradouro não apenas no entendimento jurídico da religião no Brasil, mas também na forma como ela pode ser praticada.

Em contrapartida, curiosamente, desde o início da crise da COVID-19 no Brasil, vídeos e mensagens ao vivo gravadas por sacerdotes e sacerdotisas afro-religiosos começaram a aparecer nas redes sociais. Nesses vídeos, autoridades afro-religiosas davam informações práticas sobre prevenção sanitária e distanciamento social, e algumas anunciaram a suspensão temporária de todas as atividades rituais públicas. Além disso, eles sugeriram medidas de higiene, como evitar beijar as mãos uns dos outros (uma forma comum de saudar e pedir a bênção). Além disso, endossaram o distanciamento social, insistindo na necessidade de ‘proteger os mais velhos’, uma referência à importância da hierarquia de idades nas religiões afro-brasileiras. Valores religiosos foram assim utilizados para estimular hábitos de prevenção sanitária, acrescentando que os orixás (divindades afro-brasileiras da natureza) não podem nos proteger do perigo de um mundo desequilibrado. (CAPPONI, 2020).

Enquanto isso, as igrejas neopentecostais propunham uma narrativa muito diferente. Endossado pela atitude de minimização do governo nacional em face da ameaça de pandemia, muitas autoridades evangélicas recusaram-se a suspender os cultos públicos. Pastores famosos como Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus) e Silas Malafaia (Assembleias de Deus) circularam mensagens em seus blogs e redes sociais convocando seus seguidores a não temerem o vírus, pois Deus protegeria quem tem fé. Fechar igrejas, em suas palavras, significaria falta de confiança no poder divino. As igrejas neopentecostais também estiveram no centro de uma disputa entre o presidente Bolsonaro e o Ministério da Saúde, já que o primeiro argumentou que as igrejas precisam permanecer abertas, pois fornecem apoio moral e espiritual essencial para a sociedade brasileira. (CAPPONI, 2020)

Parece emblemático testemunhar tal inversão, uma vez que as religiões de matriz africana, no Brasil, sempre foram colocadas à margem da saúde pública, essa última sendo utilizada para legitimar uma série de racismos religiosos entre os brasileiros. Esse movimento sempre esteve atrelado ao lobby religioso junto ao poder político. No Rio Grande do Sul, por pressão desses políticos e com o apoio das sociedades protetoras dos animais, o Código Estadual de Proteção aos Animais tem sido acionado na tentativa de coibir os sacrifícios rituais do candomblé. Um parágrafo específico deste Código, que não foi aprovado por pressão dos religiosos afro-brasileiros, vetava a realização de cerimônia

religiosa que envolvesse a morte de animais. (SILVA, 2007). Frente ao caos causado pela COVID-19, são as religiões alinhadas ao poder político que acabam por oferecer os principais desafios à saúde pública, no Brasil.

2.1. O lobby religioso para a reabertura

O Brasil representa um interessante estudo de caso para investigar quais seriam as razões que levam tais confissões religiosas a desafiarem as diretrizes da Organização Mundial da Saúde. A pergunta mais relevante poderia nos levar a compreender se tais comportamentos surgem em razão de motivos puramente religiosos ou interesses alheios à religião ligados mais à manutenção da influência política. Outra pergunta investe quais seriam essas confissões religiosas. A pesquisa realizada pela Datafolha de 1 a 3 de abril de 2020 pode nos ajudar nesse sentido, mostrando que entre os evangélicos encontra-se maior apoio à posição anti-isolamento do presidente Bolsonaro. Os líderes de igrejas difundidas capilarmente no Brasil como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Assembleia de Deus defendem a voz do Presidente como fosse voz de Deus e reiteram que a proteção do Deus Todo Poderoso é mais forte que o vírus. Logicamente, não todos os evangélicos pensam da mesma forma, assim como não todos os católicos estão convencidos das diretrizes pró-OMS que vem do Papa e que são seguidas pela Conferência Católica dos Bispos Brasileiros. Há parcelas de evangélicos que adere sem titubear aos apelos de seus pastores, assim como há católicos que se recusam a obedecer às orientações da Igreja de receber a eucaristia na mão e não na boca, orientações estas divulgadas nos primeiros meses da pandemia e agora com o fechamento das igrejas católicas, chegam a denunciar, por meio das redes sociais, aquela que eles consideram covardia do papa e dos sacerdotes. O que essas duas parcelas de crentes tem em comum tanto do ponto de vista religioso quanto do ponto de vista político?

Antes de buscar elementos que nos permitam responder a essa pergunta, temos que voltar um pouco no tempo e reconstruir como o fenômeno da presença de frentes parlamentares confessionais, tanto católicas, quanto evangélicas, se consolidaram na política brasileira.

Desde o ano de 1989, é possível observar houve um aumento da confessionalidade na política (VITAL, 2018). Um crescimento significativo pode ser sinalizado a partir de 2010 quando da presidência da Dilma Rousseff, a primeira mulher na presidência, cuja pauta aprofundava a defesa de agendas mais progressistas do ponto de vista moral e de defesa dos direitos das mulheres. De 2010 a 2014, a participação evangélica aumentou de 40%. Em 2014, ocorreu a primeira candidatura profissional à presidência da República com o Pastor Everaldo. A professora Christina explica que candidatura confessional é definida tal quando se tem o objetivo de aumentar seu capital

político em base à sua posição hierárquica na instituição religiosa de pertença (VITAL, 2018). Contudo para Vital, nas vésperas da eleição do presidente Bolsonaro, a estratégia adotada se diversificou. Muitos dos candidatos de pertence religioso escolheram não se apresentar como candidatos confessionais. Ela apresenta o exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo onde “as candidaturas confessionais foram 46% entre as candidaturas religiosas – 122 entre 260 candidaturas – ou seja, a maioria dos candidatos com vinculação religiosa não apresentavam isso no seu registro no TSE” (Ibid, 2018) Também outro elemento destacado pela pesquisadora é que houve, em 2018, uma transversalização religiosa em nível dos partidos da presença de candidatos religioso, tendo “o PRB e o PSC – o PRB vinculado à Igreja Universal e o PSC muito vinculado à Assembleia de Deus – propondo candidaturas, mas houve também um grande número de candidaturas religiosas no PSOL e no PSL” (VITAL, 2018).

No Executivo Brasileiro destacam-se duas Frentes Parlamentares confessionais que exercem bastante influência nas decisões conservadoras tomadas nesses últimos anos: a Frente Parlamentar Evangélica e a Frente Parlamentar Católica. A Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional reúne atualmente 283 parlamentares. De acordo com Costa (2020) ela está associada a posicionamentos conservadores frente a assuntos que tratam dos direitos das mulheres, da população LGBT e da liberdade religiosa. No poder Legislativo, a Bancada evangélica é uma das maiores, contando com 85 representantes, dos quais 76 deputados e 9 senadores da República eleitos em 2018⁸. A Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana, por sua vez, conta com 216 deputados signatários, além de 5 senadores da República⁹.

Com o governo Bolsonaro, os parlamentares das duas Frentes se uniram para defender a moralidade e os costumes, defendendo a sacralização da família heterossexual contra as instâncias LGBTs e lutando contra a descriminalização do aborto. Conforme Almeida (2019, p. 208), “atualmente, no Brasil e na América Latina, o que se destaca são setores religiosos, à direita, com ênfase em temas como aborto, sexualidade, gênero, casamento, técnicas reprodutivas e adoção de crianças por casais do mesmo sexo”. Mas o que é mais relevante é que o esforço de moralização da bancada não abrange apenas os fiéis de sua confissão religiosa mas pretende-se alcançar toda a sociedade, transformando os conteúdos religiosos em leis (ALMEIDA, 2019).

⁸ Agência DIAP, 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.diap.org.br/index.php/noticias/agencia-diap/89610-a-forca-da-bancada-evangelica-nas-eleicoes-municipais>> acesso em 10 out. 2020.

⁹Dados extraídos do portal oficial da Câmara dos Deputados e disponíveis em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53496>> acesso em 24 de out. de 2020.

Em várias ocasiões, as elites pastorais e as elites parlamentares evangélicas e católicas defenderam publicamente o fim ou o relaxamento das medidas restritivas, especialmente aquelas que limitavam a frequência aos cultos e serviços religiosos. Em algumas palestras pastorais, muitos líderes religiosos minimizaram a pandemia e criaram um cenário de otimismo em relação ao Governo Federal, principalmente a partir da ideia de que o Brasil se tornaria mais cristão e que o presidente Jair Bolsonaro seria escolhido por Deus para presidir a nação. (SENA DA SILVEIRA, 2020).

A Bíblia é apresentada por esses políticos como o texto sagrado que não pode ser contestado e que deve ser obedecido em sua integralidade. Ao mesmo tempo em que registra-se um aumento da participação política de integrantes religiosos evangélicos e católicos, constata-se a difusão de uma compreensão fundamentalista da fé. De acordo com Panasiewicz (2008, p. 3), definimos como fundamentalista quem defende “uma compreensão das verdades bíblicas e nega a presença de erros no livro sagrado”.

O pesquisador Pedro Oro (1996) apresenta na mesma linha o conceito de “neofundamentalismo” que segundo ele surgiria como uma resposta necessária que visa enfrentar uma “insegurança relacionada ao desencantamento da modernidade e a falta de experiência religiosa”. Nesse âmbito, alguns defensores dessa atitude neofundamentalista buscariam propor um retorno a valores patriarciais da família e a uma interpretação da Bíblia de tipo literal evidenciando os trechos que mais se aplicam à defesa dos valores conservadores propostos.

A estratégia escolhida por esses grupos neofundamentalistas, tanto evangélicos quanto católicos é investir em uma maior capacidade de influência no âmbito público não apenas usando os meios de comunicação, rádio e TVs de forma especial, mas também, pela participação política de seus líderes (ORTUNES; MARTINHO; CHAIA, 2019).

Um termo ainda mais explícito e que merece a devida atenção, é o chamado *cristofascismo* brasileiro, apontado por Fábio Py como fruto dessa *cristologia governamental*. Para o autor, com base no termo cunhado pela teóloga alemã Dorothee Sölle (1970), que se preocupava com semelhante contexto no cenário da ascensão do nazismo alemão - é possível verificar a crescente de um cirstofascismo brasileiro. Ao analisar as relações de integrantes do partido nazi com as igrejas cristãs no desenvolvimento do estado de exceção alemão, quando o governo nazista se utilizou das relações e das terminologias cristãs para sua composição, Sölle identificou uma dinâmica com fatores semelhantes aos que podem ser observados no bolsonarismo do Brasil de 2020. (PY, 2020).

A partir disso é que conseguimos talvez melhor compreender essa cumplicidade das lideranças evangélicas e católicas integrantes da vertente fundamentalista com o poder político atual na conjuntura do Coronavírus. Haveria tanto interesses políticos de

manutenção do poder por parte dos dois lados, quanto a defesa de interesses econômicos por parte dos representantes religiosos.

A arrecadação dos dízimos parece ser a preocupação comum das mega e pequenas igrejas, o que levou seus líderes a fazer visitas frequentes ao presidente Bolsonaro para que além de abrir linhas de créditos para as igrejas, ele incluisse a assistência espiritual das igrejas entre os serviços essenciais. De fato, conforme a pesquisadora Christina Vital entrevistada pela Agência Pública (2020) as igrejas menores seriam mais prejudicadas das igrejas maiores, ou mega igrejas que contam com as arrecadações online via TVs.

Para as igrejas menores o baque financeiro da suspensão das atividades presenciais é maior do que entre as denominações maiores. No caso das igrejas pequenas as ofertas e o dízimo são, muitas vezes, o único meio de arrecadação e manutenção dos trabalhos e único meio de custear o pastorado e de pagar o aluguel dos espaços. Nas igrejas maiores, embora suas estruturas sejam muito mais onerosas, a manutenção dos pastores e das estruturas físicas podem ocorrer por meio dos ganhos com editoras, redes de tv a cabo etc. Chegam ainda as arrecadações online que já eram recebidas. Ou seja, o culto presencial para eles é importante para arrecadação, mas menos até do que para as igrejas menores (AGÊNCIA PÚBLICA, 2020).

Contudo, como vimos, os mais acirrados defensores da abertura dos templos durante o Coronavírus são os líderes das megaigrejas. Isso seria explicado pelo fato de que além de serem líderes religiosos, a grande maioria deles são empresários. Então, não se trataria propriamente nem do abalo econômico das igrejas mas dos negócios pessoais dessas personagem que escondem atrás de motivações religiosas, os próprios interesses e políticos e econômicos (VITAL apud Agência Pública, 2020).

Como resultado de tal lobby, o presidente Bolsonaro decidiu, por meio do decreto n. 10.292/2020 do dia 26 de março de 2020, que as igrejas estariam incluídas dentro dos serviços essenciais para a população.

De acordo com a pesquisadora Rosane Pinheiro-Machado

a conexão com o crente é fundamental para Bolsonaro se manter no poder. Enquanto ele conseguir isso, sua base será

fortalecida e, provavelmente, maior. As igrejas evangélicas, neste momento de crise, se colocam como uma alternativa para as populações mais vulneráveis, oferecendo tanto conforto emocional quanto ajuda assistencial (MACHADO, 2020).

É da mesma opinião a teóloga feminista Ivone Gebara (2020, s/p). Quando afirma que “Os ministros de nossos deuses são movidos por interesses privados e usam dos deuses e da fragilidade dos crentes como armas para manterem seu poder e privilégio”.

Essa crise sanitária em que estamos imersos sem prazo para terminar pode acabar se tornando uma espécie de teste para as religiões demonstrando quais são as instituições que defendem a vida de seus fiéis para além de seus princípios religiosos e quais, ao contrário, resultam em doutrinas de morte e destruição.

Considerações Finais

Aliada a projetos políticos, interesses privados e incoerências diversas, a religião é uma poderosa variável que tende a pender para o lado perverso das implicações humanas. Nessas circunstâncias, sua capacidade também existente de gerar conciliação e bem-estar acaba por ser minimizado. Essa ambivalência do sagrado, como aponta Appleby (2000), torna a religião uma variável impossível de ser ignorada em quaisquer circunstâncias do fenômeno social humano e, portanto, também o fenômeno internacional.

No presente momento de incertezas gerado pela irrupção da pandemia de Coronavírus, diversos elementos e instituições globais foram desafiados e levados a reavaliar seu status e funcionamento. Não foi diferente com a religião global. Variados atores, pertencentes a variadas manifestações religiosas, em variadas partes do globo se encontraram obrigados a adaptar-se ao complexo cenário apresentado pela doença, em especial no que concerne a seus cultos e reuniões públicas, além de ritos e sacramentos.

As evidências levantadas nessa pesquisa, apontam para alguns fatores que merecem atenção especial. Enquanto, em termos gerais, os posicionamentos das lideranças religiosas internacionais tenham convergido para uma conformação com as recomendações de isolamento e distanciamento, houve discordâncias e o consenso não foi a tônica entre todas as expressões religiosas. Mesmo em cenários em que as lideranças globais e autoridades recomendavam ajustes ao *modus operandi* dos cultos, lideranças regionais e locais or vezes desafiaram as orientações, mantendo seus cultos de forma aberta ou clandestina. Em outros cenários, em especial nas manifestações em que não há uma autoridade central claramente identificada, como na corrente neopentecostal, houve

bastante liberdade na decisão individual quanto aos fechamentos, desde que não se contestassem as reivindicações dos governos locais.

É nesse aspecto que se faz necessário observar a complexa dinâmica entre os atores religiosos, suas contrapartes dentro da estrutura estatal, e os interesses de ambos. É válido reforçar que, em alguns países, como no Brasil, essa distinção é muito mais difusa, e atores comumente compartilham a face partidária e religiosa, influenciando diretamente no processo de tomada de decisão que levou à flexibilização das medidas restritivas no país. Esse fato transforma o Brasil num caso peculiar, e as nossas descobertas supracitadas reiteram o elemento *sui generis* da política brasileira em sua relação com a religião, em comparação com outros Estados. Observou-se, portanto, o peso das frentes católica e evangélica no parlamento do país, e sua relação com um nacionalismo religioso constantemente utilizado como recurso discursivo pelo atual presidente, Jair Bolsonaro, e seus aliados.

Nesse interim, também é preciso acompanhar a evolução de uma suposta religião digital, nos termos apontados por Heidi Campbell (2012). Como resultado do isolamento forçado, fiéis descobriram o ciberspaço como um território no qual suas expressões de fé podem se manifestar, crescer e desempenhar novos papéis em suas vidas, assim como na comunidade em que convivem. Da mesma forma, nesse espaço, visões de mundo continuam sendo influenciadas, e interesses privados ainda podem ser direcionados, como ocorreu com frequência no período estudado, criando novos apoios ou oposições às restrições de convivência.

A dinâmica em questão, em especial na realidade brasileira, portanto, foi sempre uma simbiose complexa entre o físico e o cibernético, o religioso e o político, o secular e o confessional. Esse vínculo reforça a necessidade de se analisar a religião como uma variável amplamente conectada aos processos políticos internacionais e domésticos, sobretudo em países nos quais as instituições religiosas gozam de prestígio histórico, como o Brasil. O presente artigo procurou demonstrar, por conseguinte, os ganhos analíticos em uma abordagem de tal natureza.

Acima de tudo, é preciso avaliar os impactos sociais gerados por uma leitura que ignore o fator religioso. Uma vez não observada a participação dos atores das mais diversas manifestações religiosas frente à pandemia do Coronavírus, seria impossível identificar as fontes de políticas falhas, que expõem as populações a riscos incalculáveis de contágio e morte. Vulnerável a esses elementos, o Estado mostra-se incapaz de lidar com o inimigo exógeno, ferido anteriormente, ao ser hospedeiro de interesses diversos, que raramente consideram o interesse de sua população.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. L'invenzione di un'epidemia. *Una voce*. Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>>. Acessado em 29/11/2020
- ALMEIDA, Ronaldo De. Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, Evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos*. CEBRAP, São Paulo , v. 38, n. 1, p. 185-213, Abril. 2019. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-30022019000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 de outubro de 2020.
- APPLEBY, Scott. *The Ambivalence of the Sacred: Religion, Violence, and Reconciliation. Journal of Law and Religion*. 16 (2): 975. 2000.
- BATE, Stuart. Catholic Pastoral Care as a Response to the HIV/AIDS Pandemic in Southern Africa. *Journal of Pastoral Care & Counseling* 57: 197–210. 2003.
- BLOFIELD; HOFFMAN; LLANOS. 2020. Assessing the Political and Social Impact of the COVID-19 Crisis in Latin America. *GIGA Focus Latin America*, n. 03, 2020.
- BOUTEN, Matthew. Sharing the pain: Response of the churches in Papua New Guinea to the AIDS pandemic. *Papua New Guinea Medical Journal* 39: 220–24. 1996
- CAMPBELL, Heidi (2012). Digital Religion: Understanding Religious Practice. *New Media Worlds*. London: Routledge.
- CAPPONI, Giovanna. (2020). Overlapping values: religious and scientific conflicts during the COVID-19 crisis in Brazil. *Social Anthropology*. May, 18, 2020.
- CHIROMA, Livan (2020). Pandemia: Ressurgência da Fé? *Laboratório de Antropologia da Religião (Unicamp)*. 2020. Disponível em: <https://es-la.facebook.com/pg/LARunicamp/posts/?ref=page_internal>. Acessado em 13 de setembro de 2020.
- CIOCAN, Cosmin Tudor. The measures religious cults took in front of COVID-19: weakness or diligence? *Dialogo Journal*. v.6, n. 2. 153 - 167. 2020.
- COSTA, Larissa. Pré-candidaturas evangélicas contra o conservadorismo. *Brasil de Fato MG*, 15 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2020/09/15/pre-candidaturas-evangelicas-contra-o-conservadorismo>. Acesso em 10 de outubro de 2010.
- CORREIA, Rute; DiP, Andrea; MACIEL, Alice; NASCIMENTO, Gilberto. O lobby dos evangélicos contra o fechamento das igrejas. *Agência Pública*, 7 de abril de 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/04/o-lobby-dos-evangelicos-contra-o-fechamento-das-igrejas/>>. Acesso em 10 de julho de 2020.
- DUBOS, René; DUBOS, Jean. *The White Plague: Tuberculosis, Man, and Society*. Rutgers University Press, 1987.

- EAGLETON, Kenneth. *O Culto Cristão. Escola Teológica Batista Livre (ETBL)*. Campinas, São Paulo. 2013.
- GABALDÓN, Juan Carlos; LEZAUN, Javier. Populist Pharmakons. *Somatosphere*, 2020. Disponível em: <<http://somatosphere.net/2020/populist-pharmakons.html>>. Acessado em 12 de setembro de 2020.
- GEBARA, Ivone. Religião e a pandemia da Covid-19. *Carta Potiguar*, 22 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/600224-religiao-e-a-pandeia-covid-19>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- HARTIKAINEN, Elina I. Religion, Law, and Bolsonaro's Decree on Essential Services. *Covid-19, Fieldsights*, May 12. 2020.
- HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 710p. 2007.
- JOHSON, Paul Christopher. Law, Religion, and 'Public Health' in the Republic of Brazil. *Law and Social Inquiry* 26, no. 1: 9–33. 2006.
- JUERGENSMAYER, Mark. Thinking Globally About Religion. *The Oxford Handbook of Global Religions*. Oxford, 2009.
- KAUR, Harmeet. How religious communities are modifying traditions to prevent coronavirus spread. *CNN*. 2020. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/03/06/world/religion-modify-traditions-coronavirus-trnd/index.html>> Acessado em 13 de setembro de 2020.
- KILGORE, Ed. COVID-19 Is a Devil Testing Organized Religion. *New Yorker Magazine Intelligencer*. 2020. Disponível em: <<https://nymag.com/intelligencer/2020/03/the-coronavirus-is-testing-organized-religion.html>> Acesso em 10 de setembro de 2020.
- LEGRAIN, Phillip. The Coronavirus Is Killing Globalization as We Know It. *Foreign Policy: Argument*. 2020. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/03/12/coronavirus-killing-globalization-nationalism-protectionism-trump>> Acessado em 10 de setembro de 2020.
- LOPEZ, Larissa. What is the 'Urbi et Orbe' Blessing? Pope Francis is Imparting it Today Extraordinarily. *Zenit. The World Seen From Rome. Pope and Holy See*. 2020. Disponível em: <<https://zenit.org/articles/what-is-the-urbi-et-orbi-blessing-pope-francis-is-imparting-it-today-extraordinarily/>> Acessado em 13 de setembro de 2020.
- MACHADO, Bernardo. *Religião, ciência e política: as várias "mutações" de um vírus pandêmico*. 2020. Disponível em: <<https://bernardomachado.blogosfera.uol.com.br/2020/04/18/religiao-ciencia-e-politica-as-varias-mutacoes-de-um-virus-pandemico>> Acessado em 24 de outubro de 2020.

- MAKAHAMADZE, Tompson. SIBANDA, Fortune. 'Battle for Survival': Responses of the Seventh-day Adventist Church to the HIV and AIDS Pandemic in Zimbabwe. *Swedish Missiological Themes* 96: 293–310. 2008.
- MARSHALL, Mandy. TAYLOR, Niger. Tackling HIV and AIDS with faith-based communities: Learning from attitudes on gender relations and sexual rights within local evangelical churches in Burkina Faso, Zimbabwe, and South Africa. *Gender & Development*. 14: 363–74. 2006.
- ORNELAS, Marco. The Catholic Mass in a secular world. *Journal of Dharma*. 32, 2 (April-June 2007), 163-179
- ORO, Ari Pedro. *O Outro é o Demônio: Uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.
- ORTUNES, Leandro; MARTINHO, Silvana; CHAIA, Vera. Lideranças políticas no Brasil: da teologia da libertação ao neofundamentalismo. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 28, p. 195-231, jan./abr. 2019.
- PANASIEWICZ, Roberlei. Fundamentalismo religioso: história e presença no cristianismo. *ABHR (Associação Brasileira de História da Religião)*, dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>. Acesso em 3 de julho de 2020.
- PARK, Nathan. Cults and conservatives spread coronavirus in South Korea. *Foreign Policy*, 2020. <<https://foreignpolicy.com/2020/02/27/coronavirus-south-korea-cults-conservatives-china>> Acessado em 12 de setembro de 2020.
- PILLAY, Miranda. Church Discourse on HIV/AIDS: A Responsible Response to a Disaster. *Scriputra* 82: 108– 21. 2003
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Coronavírus: como as igrejas evangélicas estão se aproveitando da crise para ocupar o vácuo do estado. *The Intercept*. 14 de abril de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/04/14/coronavirus-igrejas-evangelicas/>. Acesso: 27 de junho de 2020.
- PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*, São Paulo: Recriar, 2020.
- ROBINSON, Kali. How Are Major Religions Responding to the Coronavirus? *CFR (Council on Foreign Relations)*. 2020. Disponível em: <<https://www.cfr.org/in-brief/how-are-major-religions-responding-coronavirus>> Acessado em 13 de setembro de 2020.
- SCAMMELL, Rosie. An 'extraordinary' Easter in Jerusalem amid coronavirus closures. *Aljazeera*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/04/extraordinary-easter-jerusalem-coronavirus-closures-200410135058514.html?utm_source=website&utm_medium=article_page&utm_campaign=read_more_links> Acessado em 13 de setembro de 2020.

- SCHMID, Barbatra M. 2002. *The Churches' Response to the HIV/AIDS Pandemic: A CASE Study of Christian Agencies in the Cape Town Area*. Dissertation Submitted in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree for MSocSci in Tehe Centre for the Study of Religion, University of Cape Town. Disponível em: <https://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=ttps://open.uct.ac.za/bitsstream/handle/11427/26772/thesis_hum_2002_schmid_maria_barbara.pdf%3Fsequence=1%26isAllowed=y&ie=UTF-8&oe=UTF-8>. Acessado em 29 de novembro de 2020.
- SENA DA SILVEIRA, E. “CATHOLICOVID-19” or QUO VADIS CATHOLICA ECCLESIA: the Pandemic Seen in the Catholic Institutional Field. *Int J Lat Am Relig.* 2020.
- SHOJI, Rafael; MATSUE, Regina, Digital Spirituality as Paradigm Shift? Religious Change during the COVID-19 Epidemics in Brazil. SSRN. 2020. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3650566> Acessado em 13 de setembro de 2020.
- SINGAPORE, Ministry of Culture, Community and Youth. *COVID-19: MCCY advisory on religious activities*. Disponível em: <<https://www.mccy.gov.sg/about-us/news-and-resources/press-statements/2020/mar/covid-19-mccy-advisory-on-religious-activities>> Acessado em 13 de setembro de 2020.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. (2007). Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, 13(1), 207-236
- SULKOWSKI, L. IGNATOWSKI, G. Impact of COVID-19 Pandemic on Organization of Religious Behaviour in Different Christian Denominations in Poland. *Religions*, 11, 254; 2020.
- SULLIVAN, Winnifred Fallers. *The Impossibility of Religious Freedom*. Princeton, N.J.: Princeton University Press. 2005.
- THE GUARDIAN. *Religious festivals cancelled or scaled back due to coronavirus*. 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/mar/14/religious-festivals-cancelled-or-scaled-back-due-to-coronavirus>> Acessado em 13 de setembro de 2020.
- VALENTE, Gianni. Il papa “sbarca” in Cina con le messe di Santa Marta. *La Stampa*. 8 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.lastampa.it/vatican-insider/it/2020/05/08/news/il-papa-sbarca-in-cina-con-le-messe-di-santa-marta-1.38820125>>. Acesso em 3 de outubro de 2020.
- VITAL, Christina da Cunha. Como as candidaturas evangélicas ajudaram a eleger Bolsonaro. Entrevista pública com a Professora Christina da Cunha. 6 de dezembro de

2018. *Justificando*. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2018/12/06/como-as-candidaturas-evangelicas-ajudaram-a-eleger-bolsonaro/>>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

WILSON; SMITH; BEAN. Defiant Congregations in a Pandemic: Public Safety Precedes Religious Rights. *Canopy Forum*, 2020. Disponível em: <<https://canopyforum.org/2020/03/21/defiant-congregations-in-a-pandemic-public-safety-precedes-religious-rights>> Acessado em 12 de setembro de 2020.